



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: “MIGRAÇÕES, ETNICIDADE E RACISMO”

“CONTRIBUTO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS NA ALTERAÇÃO DA ESTRUTURA ETÁRIA DO SUL IBÉRICO”

MACIEL, Andreia

Doutorando em Sociologia

Universidade de Évora/CIDEHUS

abfmaciел@fa.uevora.pt

MENDES, Maria Filomena

Doutorada em Sociologia

Universidade de Évora/CIDEHUS

mmendes@uevora.pt

Resumo

O declínio da fecundidade e a sua manutenção em níveis abaixo do limiar de substituição das gerações, e o inerente envelhecimento populacional, com tendência crescente, têm feito destacar a importância dos movimentos migratórios internacionais sobre a estrutura etária dos países desenvolvidos. Bongaarts (2009) e Coleman e Scherbov (2005) assinalam que a imigração tem sido a força motriz do crescimento populacional, inclusive com maior peso demográfico que a fecundidade.

Os nossos objetivos foram perceber a importância da imigração internacional sobre a formação da estrutura populacional de Portugal e Espanha, e estimar o possível impacto que a quebra da fecundidade em termos globais, nomeadamente, nos países “provedores” de imigrantes, poderá ter sobre aqueles países. Pretende-se, ainda, prever os efeitos que a atual crise económica e o aumento das taxas de desemprego no Sul Ibérico possam vir a ter na intensidade e atratividade de imigrantes internacionais, especialmente no caso das mulheres, bem como nas possíveis alterações na direção dos fluxos migratórios. A nível metodológico utilizar-se-á estatística descritiva, com cálculos de indicadores demográficos obtidos através do World Population Prospects e do Eurostat.

Abstract

The decline in the fertility level and its persistency below the replacement level, and the inherent growing trend in the population aging, highlighted the importance of the international migration on the age structure formation of developed countries. Immigration has been the driving force of population growth (where?), having even an higher demographic weight than fertility (Coleman and Scherbov, 2005; Bongaarts, 2009).

The main objective of this work was to weight the importance of international migration on the population age structure in Portugal and Spain and to evaluate the impact of the recent decline in fertility levels, observed in countries traditionally "providers" of immigrants, on Iberian countries population. Another purpose was to understand the effects that the current economic crisis and the unemployment rising can have on the intensity and attractiveness of international immigrants, especially women, as well as on possible changes in the direction of migration flows. Descriptive statistics, with calculation of key demographic indicators using data from World Population Prospects (UN) and Eurostat were used.

Palavras-chave: imigração; fecundidade; envelhecimento populacional; estrutura etária

Keywords: immigration; fertility; population aging; age structure

PAP0286

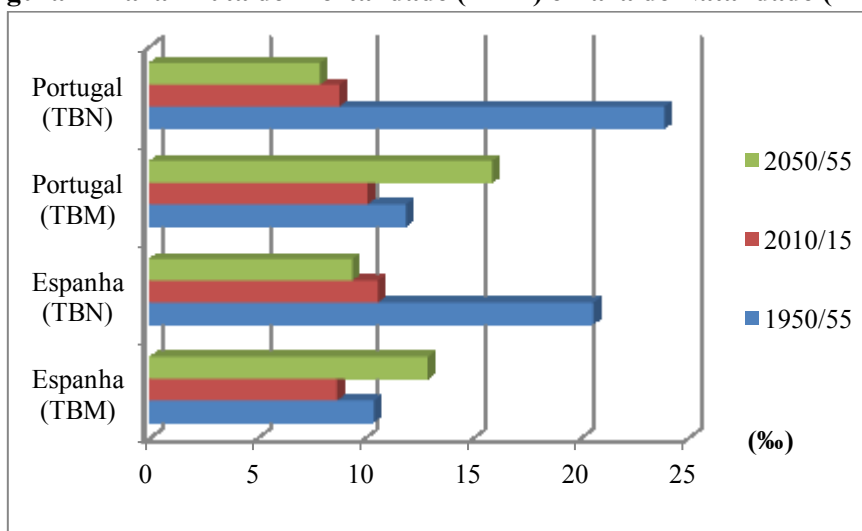
Introdução

As componentes demográficas centrais na determinação do crescimento populacional são os padrões de fecundidade, de mortalidade e de migrações. Nos países desenvolvidos, devido ao nível de fecundidade já bastante reduzido, o peso desta componente tende a declinar, e a apresentar redução do peso das populações nativas em detrimento do aumento do peso da população de origem imigrante e mista (Coleman, 2006). O mesmo pode-se dizer da mortalidade infantil, uma vez que já foram atingidos níveis extremamente baixos, fazendo com que os ganhos sobre a mortalidade se concentrem principalmente nas idades mais avançadas, ou seja no alongamento da longevidade, com a ampliação da esperança de vida.

O declínio da fecundidade - fenómeno global, embora em dimensões diferenciadas em termos de países - tem sido central na determinação do envelhecimento demográfico. Nas regiões desenvolvidas este fenómeno iniciou-se primeiramente e a partir de patamares bem inferiores aos das regiões menos desenvolvidas e já na década de 1970 situou-se abaixo do limiar de reposição das gerações. No quinquénio 2005-2010, o Índice Sintético de Fecundidade (ISF)ⁱ dos países desenvolvidos permanecia em torno de 1,6 filhos por mulher, enquanto nos países menos desenvolvidos era de cerca de 2,7 filhos. Contudo, o ISF varia substancialmente dentro deste conjunto genericamente designado de «regiões mais desenvolvidas» ou «regiões menos desenvolvidas». No caso destas últimas regiões, alguns países já revelam atualmente uma fecundidade também abaixo do limiar de substituição das geraçõesⁱⁱ.

Esta intensa e sustentada redução da fecundidade tem sido associada a diversas causas, entre as quais podemos considerar: o adiamento da conjugalidade e da maternidade/paternidade (Billari & Kohler, 2003; Guerreiro & Abrantes, 2007) influenciado principalmente pelo alargamento do percurso escolar, com um maior investimento em termos educacionais; a utilização mais racional de modernos e cada vez mais eficazes métodos contraceptivos, que torna possível desvincular a sexualidade da necessidade de procriação, e permite à mulher libertar-se do “círculo crónico de gravidez e parto” (Giddens, 1993, p.37); e, o aumento da participação feminina no mercado de trabalho. Tais factores, articulados com a persistente desigualdade de género no que respeita à execução das tarefas domésticas e à importância crescente que os filhos vêm adquirindo na nossa sociedade, ao mesmo tempo em que perdem “grande parte de suas funções produtivas e se tornam, cada vez mais, um custo (afectivo e material) para os pais” (Almeida, André & Lalanda, 2002, p.378), não deixaram de ter repercussões negativas sobre a fecundidade, sendo o seu resultado mais perceptível, o marcado e evolutivo envelhecimento populacional.

Figura 1- Taxa Bruta de Mortalidade (TBM) e Taxa de Natalidade (TBN)



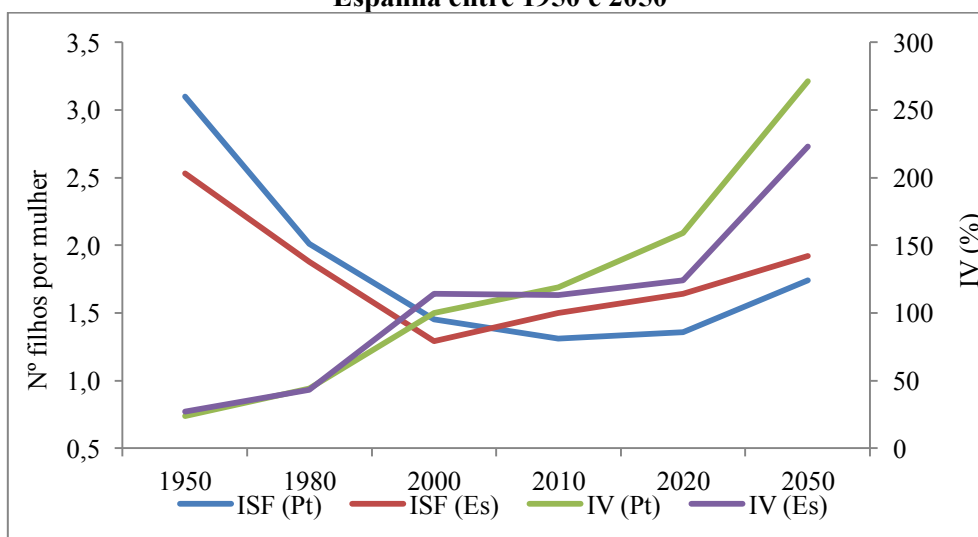
Fonte: Elaboração própria com dados do World Population Prospects: The 2010 Revision

Ainda que o envelhecimento populacional seja comum à generalidade dos países, a sua intensidade é distinta entre os diversos países ao nível mundial. A figura 1 revela que Portugal, no período 2005/10 já passou a apresentar uma proporção de mortes superior a dos nascimentos, enquanto na Espanha esta situação só se verificará mais tardiamente, no período 2020/25. Ambos os países revelam tendência de elevação das taxas

de mortalidade nos anos subsequentes, sendo esta subida ainda mais acentuada em Portugal. Na ausência de um considerável aumento da fecundidade e de fluxos intensos de imigração internacional haverá um inevitável declínio demográfico.

De acordo com os dados da Revisão 2010 das Nações Unidas, a população mundial entre 1950 e 2000 aumentou em mais de 40% sua dimensão, abrandando esse acréscimo nos anos seguintes, o que fará com que entre 1950/2050 o seu aumento seja de cerca de 27%. Contudo, no Continente Europeu, as transformações demográficas ocorridas neste ínterim, vêm impondo ao “velho mundo” um cenário completamente diferente. Enquanto que a sua população em 1950 representava quase 22% da população mundial, em 2000 esta proporção reduziu-se a menos de 12% e em 2050 será de aproximadamente 8%. O persistente declínio da fecundidade europeia, para além de reduzir em importância o seu peso relativo no cômputo da população global, constringe ainda o continente como um todo a um acentuado processo de envelhecimento demográfico.

Figura 2- Índice Sintético de Fecundidade (ISF) e Índice de Envelhecimento (IV) de Portugal e Espanha entre 1950 e 2050



Fonte: Elaboração própria com dados do World Population Prospects: The 2010 Revision

O ISF é uma variável fulcral na determinação do envelhecimento demográfico: à medida que o seu nível declina, diminui a proporção de crianças e jovens no total da população e aumenta o peso relativo da proporção de idosos. Um dos indicadores comumente utilizados na análise do envelhecimento é o Índice de Envelhecimento (IV), dado pela relação entre indivíduos com 65 anos e mais e os indivíduos com menos de 15 anos de idade. Como se observa (Figura 2), ao longo de todo o período em análise, simultâneo ao decréscimo do ISF verifica-se um exponencial aumento do índice de envelhecimento, que apresentou uma subida em flecha nas últimas décadas do século XX, quando a fecundidade em ambos os países caiu a níveis inferiores a 1,5 filhos por mulher. De ressaltar ainda, que enquanto na Espanha a fecundidade já revela ténues sinais de recuperação, em Portugal ela ainda não cessou sua tendência de queda, agravando ainda mais o processo de envelhecimento demográfico.

Mesmo que a fecundidade venha a aumentar nestes países, os seus efeitos sobre a estrutura etária da população em idade ativa só seriam sentidos cerca de duas décadas mais tarde – quando os indivíduos se tornassem aptos a ingressar no mundo do trabalho - sendo que até lá haveria um aumento do rácio de dependência. Embora se projete um aumento dos níveis da fecundidade (Figura 2), ainda se situar-á em níveis insuficientes para assegurar a renovação das gerações, sendo que as recentes crises económicas podem atuar como um freio impeditivo para estes pequenos aumentos. É neste cenário de diminuto crescimento populacional e de envelhecimento demográfico, que o fenómeno da imigração internacional ganha destaque, revelando-se como uma das possibilidades de atenuar quer o processo de declínio demográfico, quer o processo de envelhecimento populacional. Regra geral, quanto menor o nível da fecundidade, mais rápido se processa o envelhecimento demográfico, enquanto fluxos migratórios positivos (e intensos) em idades economicamente ativas contribuem substancialmente para abrandar este processo.

No Sul Ibérico, a conjugação das taxas de fecundidade persistentemente abaixo do nível de reposição das gerações, com desaceleração do crescimento populacional e perspectivas de crescimento negativo, associada ao aumento da esperança de vida, vêm salientando o processo de envelhecimento o que “significa que os gastos relacionados com o envelhecimento (tais como, pensões e cuidados de saúde, entre outros) aumentarão substancialmente ao longo do tempo, na ausência de significativas mudanças demográficas” (Wildasin, 2008, p.3). O elevado défice de fecundidade pode intensificar ainda a necessidade das sociedades terem de recorrer a mão-de-obra imigrante como forma de garantir a sua manutenção produtiva e económica, pois, como acautelou Coleman (2010), a permanência das taxas de fecundidade em níveis muito baixos pode provocar uma insuperável escassez de mão-de-obra, que só a imigração pode resolver, mesmo que a fecundidade venha a recuperar.

Com vista a mitigar as consequências destes processos, cujos impactos além de demográficos são também sociais e económicos, tem-se destacado o recurso à chamada “migração de substituição” (Abreu & Peixoto, 2009, p.720). Tanto Espanha quanto Portugal, ao longo das últimas décadas apresentaram uma migração maciça e um diminuto (ou mesmo negativo) crescimento natural. É neste contexto que “*imigração tem-se transformado no principal motor de crescimento da população europeia*” (Sobotka, 2009, p.217), já que as projeções indicam que a fecundidade se deve manter abaixo do limiar de substituição, abscindindo de ser o motor do crescimento populacional (Bongaarts, 2009). O papel da imigração internacional na determinação do padrão do crescimento populacional nos países desenvolvidos tem sido de tal maneira marcante, que Coleman e Scherbov (2005) consideram-no, atualmente, mais relevante que a taxa de fecundidade. Mesmo na Europa do Norte – cujas taxas de fecundidade são das maiores da Europa - Söderling (2010) refere que desde 2007 o crescimento populacional da Finlândia tem sido mais dependente da imigração do que do crescimento natural.

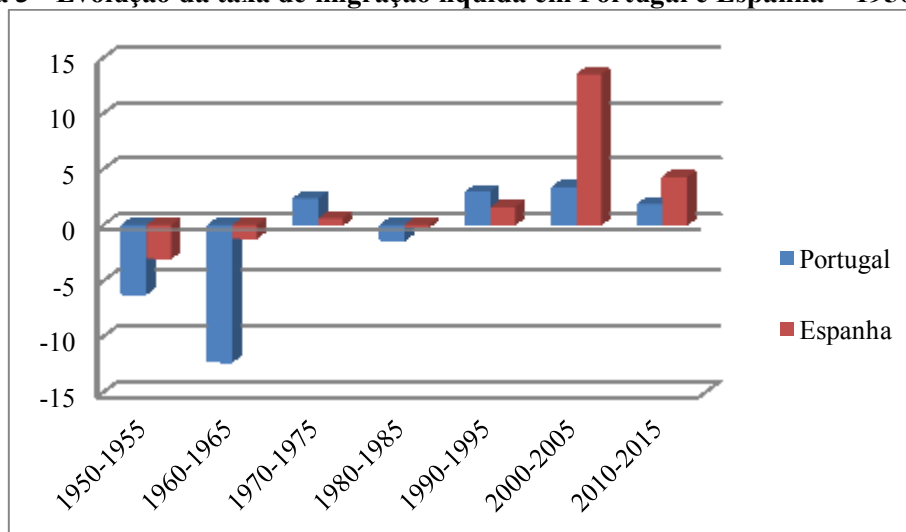
O número de migrantes internacionais em países industrializados mais do que duplicou entre 1985 e 2005, apresentando ainda uma tendência crescente (Martin & Zucher, 2008). Atualmente, os principais fluxos migratórios são movidos principalmente por razões de ordem económica, em que emigrar representa uma alternativa individual supostamente com melhores perspectivas de salários e condições de vida. Para Chiswick e Hatton (2002) enquanto não houver um significativo estreitamento das diferenças salariais e de rendimentos, principalmente dos trabalhadores mais qualificados, tanto nos países de origem como de acolhimento, haverá pressão para a ocorrência de imigração dos países mais pobres para os mais ricos, onde o reduzido crescimento populacional destes últimos, associado ao aumento da longevidade, pode salientar a demanda de mão-de-obra.

Para além do facto de a maioria dos imigrantes ter uma estrutura etária mais jovem que as populações nativas do país anfitrião - o que demonstra a seletividade do evento – e suas taxas de fecundidade refletirem inicialmente a de seus países de origem (Wildasin, 2008), no caso feminino, esta seletividade aponta para a sua concentração na fase fecunda, o que faz com que “*o efeito das migrações sobre a dinâmica da população futura não se cinge apenas ao número de fluxos entrados, mas também ao número de filhos nascidos após a sua chegada ao país de acolhimento*”(Carrilho, 2005, p.15). Ou seja, há uma transferência de nascimentos para os países acolhedores, o que nos permite inferir que a imigração pode atenuar o envelhecimento da população além do curto e médio prazo. Desta forma, podemos dizer que a imigração possui tanto um impacto direto quanto indireto sobre a taxa de atividade do país de acolhimento (Abreu & Peixoto, 2009). O seu efeito a longo prazo sugere, contudo, depender fortemente da permanência dos imigrantes ao longo das gerações vindouras, sem entretanto ser desprezável o seu contributo imediato. Estudo realizado por A. Almeida e Silva (2007) demonstrou, por exemplo, que tanto em Portugal quanto na Espanha, a sua receita líquida tem sido positiva para ambos os Estados.

Espanha e Portugal – de industrialização mais tardia relativamente aos demais países europeus - foram tradicionalmente países de emigração, tendo registado até a década de 1970 saldos migratórios negativos. É principalmente a partir dos anos de 1990 que se intensifica a imigração em ambos os países, com a Espanha recebendo o maior volume de imigrantes (Figura 3). De acordo com a revisão 2008 das Nações Unidas, em 2010, 14,1% da população espanhola era constituída por imigrantes, enquanto que em Portugal essa

percentagem era de 8,6%, o que demonstra que ao longo das últimas décadas os imigrantes vêm se transformando numa crescente parcela da população de ambos os países.

Figura 3 - Evolução da taxa de migração líquida em Portugal e Espanha – 1950 a 2015



Fonte: Elaboração própria com dados do World Population Prospects: The 2010 Revision

No caso português, o país passou a ser também de imigração, principalmente a partir do processo de democratização e descolonização resultante da Revolução de 25 de Abril de 1974 e de sua inclusão na União Europeia (UE) (Abreu & Peixoto, 2009), tendo passado a experimentar, a partir da década de 1990, fluxos migratórios cada vez maiores. Inicialmente os fluxos migratórios eram de cidadãos originários principalmente dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, cuja mão-de-obra, na generalidade se caracteriza pela fraca qualificação (Norte, Mortágua, Rosa, Silva & Santos, 2004). Na segunda metade dos anos 80, observa-se a abertura a outras nacionalidades nomeadamente a Brasileira, que atualmente representa cerca de 25% do total de imigrantes, na sua maioria, do sexo feminino. Nos anos mais recentes esta abertura estendeu-se aos Países Europeus de Leste, cuja mão-de-obra apesar de qualificada, insere-se indistintamente em trabalhos pouco qualificados, particularmente o da construção civil (Abreu & Peixoto, 2009).

O rápido crescimento demográfico propiciado pela primeira fase da transição demográfica foi um poderoso fator de impulso aos movimentos migratórios, mormente dos países mais pobres - que iniciaram mais tardiamente o processo de transição e ainda estão a concluí-lo, apresentando por isso uma estrutura etária mais jovem (Bongaarts, 2009) - com mercados de trabalho saturados em direção aos países mais ricos. Na medida em que o acentuado declínio da fecundidade deixou de ser uma prerrogativa apenas dos países desenvolvidos, os países “dadores” de imigrantes deverão, num futuro breve, debater-se com os mesmos problemas já sentidos pelos países desenvolvidos, ou seja, dificuldades demográficas relacionadas com a redução da população em idade ativa e acentuado envelhecimento populacional.

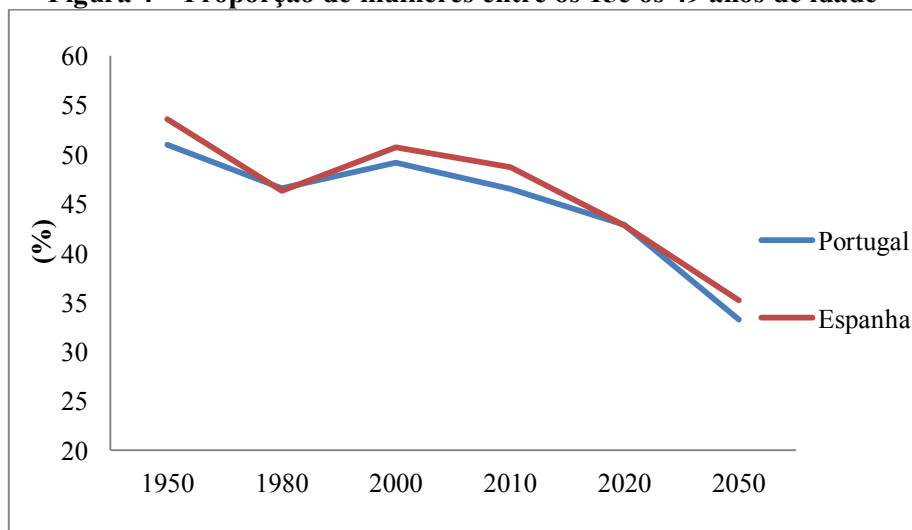
Recentemente, em Portugal, os fluxos migratórios mais significativos têm sido o de nacionais do Brasil e do Leste Europeu. Todavia, questionamos a possibilidade de continuação desta tendência, pelo facto de se verificar um rápido decréscimo da fecundidade brasileira - que já apresenta um nível inferior à reposição geracional associada à sua trajetória ascendente de crescimento económico nos últimos anos. Ghosh (2010), por exemplo, sugere que as alterações (redução) nas taxas de fecundidade dos países pobres pode vir a configurar-se como uma das razões para uma provável redução do fluxo migratório de pessoas originárias destes países em direção aos países mais ricos. E ainda, a entrada dos países de Leste na União Europeia pode representar a criação de novas oportunidades nestes países e um freio à emigração.

Contudo, mesmo que se assuma que os fluxos de imigração, irrealisticamente, caíam a zero no Sul Ibérico, “os descendentes imediatos da população estrangeira ainda constituirão uma crescente fração da sua população” por várias décadas (Wildasin, 2008), o que significa que a imigração ocorrida nas décadas anteriores ainda teria um efeito positivo na estrutura populacional destes países “devido ao crescimento natural daquelas populações ao longo de várias gerações” (Coleman & Scherbov, 2005, p.1), só perdendo seu impacto a partir do momento em que estes imigrantes também se tornem envelhecidos.

Análise de dados

Como resultado da persistência do ISF em níveis abaixo do limiar de reposição das gerações desde 1980, Portugal e Espanha estão sendo constrangidos a um acentuado processo de envelhecimento demográfico e decréscimo da população em idade ativa, o que significa acréscimo do ónus do suporte à população idosa. Este cenário traduzir-se-á numa grave situação demográfica, principalmente porque a sua população atualmente já apresenta uma idade mediana superior a 40 anos de idade, o que para as mulheres significa a aproximação do fim do período reprodutivo. E ainda como resultado das baixas taxas de fecundidade ao longo das décadas anteriores, evidencia-se uma acentuada redução da proporção de mulheres em idade reprodutiva, indicando que, ainda que a fecundidade venha a aumentar, este aumento teria de ser substancialmente expressivo para que a população mantivesse futuramente a dimensão atual (Figura 4).

Figura 4 – Proporção de mulheres entre os 15e os 49 anos de idade



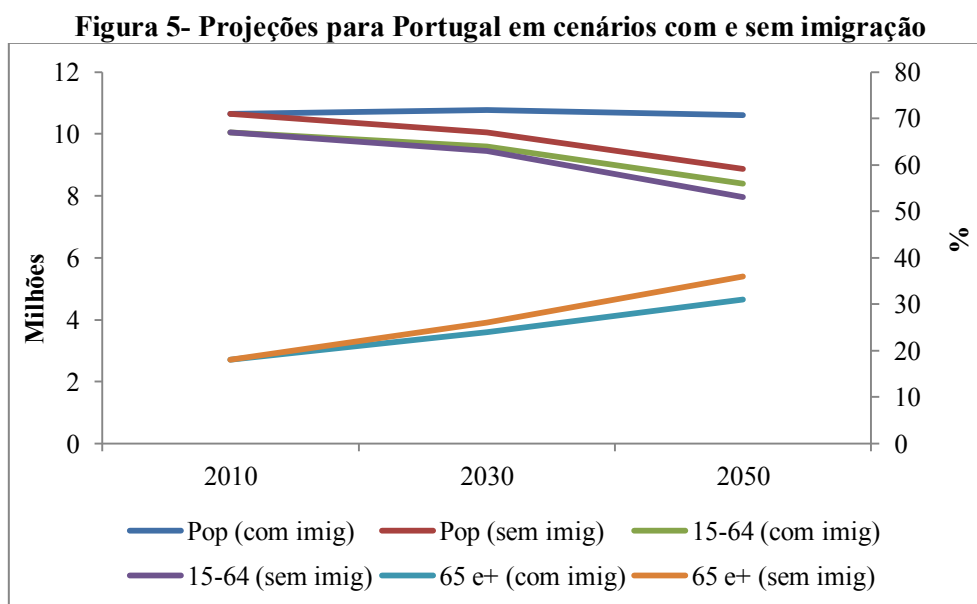
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do World Population Prospects

Esse cenário pode ainda ser agravado pelos elevados índices de desemprego que atuam como combustível catalisador da emigração, principalmente sobre a população adulta-jovem. De acordo com os dados do INE, o número de emigrantes portugueses tem vindo a aumentar, e o seu maior afluxo ocorre, nomeadamente, nas idades compreendidas entre os 20 e os 29 anos. Para além de estimular a emigração, o desemprego e a recessão económica funcionam ainda como inibidor da imigração, já que o poder de atratividade de uma região “depende criticamente de suas condições demográficas e económicas relativamente à outras partes do mundo” (Wildasin, 2008, p.3). Para além disso, podem vir a ter influência nas decisões sobre formação da família, pelo que os indivíduos vacilam em comprometerem-se com ónus duradouros, entre os quais se incluem a decisão de se ter filhos, ou tê-los em maior número, mais tarde ou mais cedo. A recessão económica envolve ainda a questão da permanência ou retorno dos imigrantes aos seus países de origem, pois como apontam Espey, Harper e Jones (2011), um dos impactos da crise tem sido o aumento do desemprego, especialmente nos sectores mais diretamente ligados ao mercado global. Embora a partir de 2008 se tenha assistido a um aumento dos índices de desemprego na Europa como um todo, Espanha e Portugal, têm uma média superior à europeia, cujas taxas em 2010 eram respetivamente 20,1% e 12%, enquanto a taxa da EU-27 era de 9,7%.

De acordo com a análise de Horn (2011) a recente crise económica possui impacto diferenciado quando se considera o género. Para a autora, as mulheres são mais vulneráveis e mais propensas a aceitar trabalhos mais precários e mal remunerados, principalmente quando as oportunidades de emprego se tornam mais escassas. Um estudo do mercado de trabalho em Espanha realizado por Rojas (como citado em Chávez, 2010) mostrou que as imigrantes do sexo feminino com baixas qualificações têm tido menos dificuldade de encontrar emprego do que seus congéneres do sexo masculino. Isto porque se concentram principalmente nos sectores de limpeza e cuidados – bem menos afetados pela crise global que o sector, por exemplo, da construção civil, ocupado predominantemente por homens. Neste sentido, Chávez (2010, p.6) refere que a “crise acentua a feminização da migração” sendo que as imigrantes do sexo feminino, mormente as de mais

baixas qualificações e trabalhadoras da economia informal, são também mais expostas à vulnerabilidades e exploração que os imigrantes do sexo masculino, como lembrou Munier (2010).

Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística de Espanha, o fluxo de imigrantes estrangeiros do sexo feminino, em 2011, ultrapassou, neste país, o montante masculino. Em Portugal, os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, revelam igualmente que a diferença entre sexos na proporção de imigrantes também se vem reduzindo. Os dados relativos ao ano de 2006 indicaram uma diferença positiva para os homens na ordem dos 46 mil indivíduos, enquanto em 2010 esta distância reduziu-se para menos de 6 mil. Em termos proporcionais, isso significa que enquanto em 2006 o sexo masculino representava cerca 55,5% da imigração portuguesa, em 2010 este valor caiu para 50,7%. Já o sexo feminino, neste íterim, sofreu um aumento de aproximadamente 5%. Embora não tenhamos dados para 2011, parece-nos possível admitir que esta tendência se manteve.

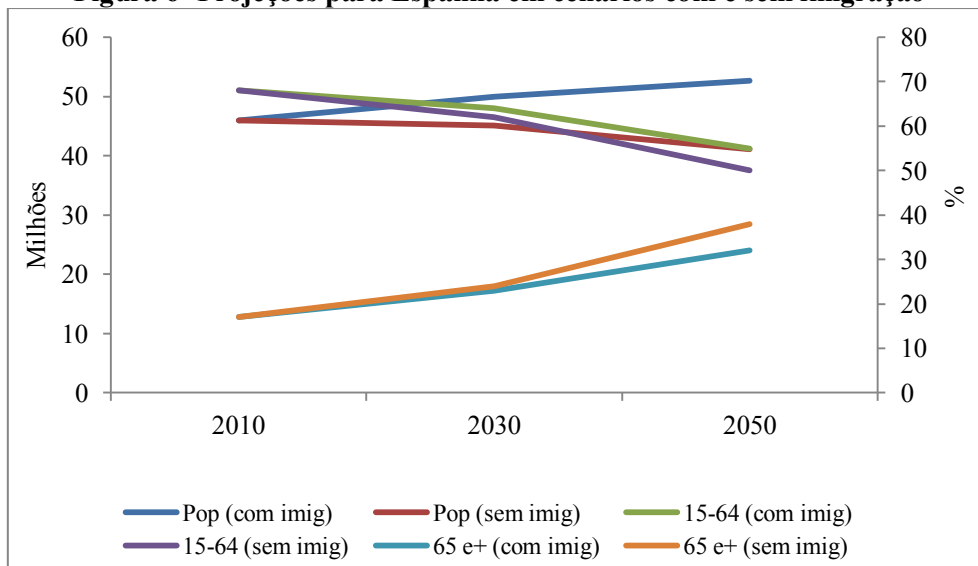


Fonte: Elaboração própria com dados do Eurostat (Population projection)

O declínio demográfico e o envelhecimento populacional em Portugal, de acordo com as projeções (Figura 5), são processos inevitáveis. Mesmo assumindo que Portugal tenha fluxos migratórios positivos, as projeções (eixo principal) demonstram uma redução da dimensão populacional de cerca de 240 mil pessoas no período 2010-2050. Contudo, a imigração contribui para atenuar quer o declínio demográfico, quer o processo de envelhecimento populacional, principalmente no longo prazo. Note-se que quando se projeta o tamanho populacional para 2050 no cenário sem imigração, o declínio demográfico ultrapassa 1, 7 milhões de pessoas. Quando se assume a ausência de imigração verificamos ainda o agravamento do processo de envelhecimento, pois ao mesmo tempo que temos um aumento da proporção de pessoas com 65 anos e mais, observamos a redução da população com idades entre 15 e 64 anos (eixo secundário).

Em Espanha o crescimento populacional é extremamente dependente da imigração, pois na presença desta variável o país registará um aumento da sua população, enquanto na sua ausência, tal como Portugal, registará declínio demográfico, como se pode observar na Figura 6 (eixo principal). O decréscimo populacional espanhol será substancialmente mais marcado que o português, já que no cenário sem imigração, a Espanha em 2050 contará com uma população cerca de 20% menor. Embora sejam absolutamente previsíveis a redução da população com idades entre 15 e 64 anos e aumento da proporção de pessoas com 65 anos e mais, independentemente do cenário, quer em Espanha, quer em Portugal, a sua intensidade é grandemente influenciada pela imigração, pois em ambos os países o aumento da proporção de pessoas envelhecidas e a redução da proporção de pessoas em idades ativas (15-64 anos) tornam-se indubitavelmente mais acentuados na ausência de fluxos migratórios positivos. Isto permite-nos ainda inferir que, provavelmente, o declínio populacional seria mais intenso e mais precoce se não fosse o facto destes países, notadamente a Espanha, terem experimentado crescentes fluxos migratórios positivos ao longo das duas últimas décadas, nomeadamente nos cinco primeiros anos deste século.

Figura 6- Projeções para Espanha em cenários com e sem imigração



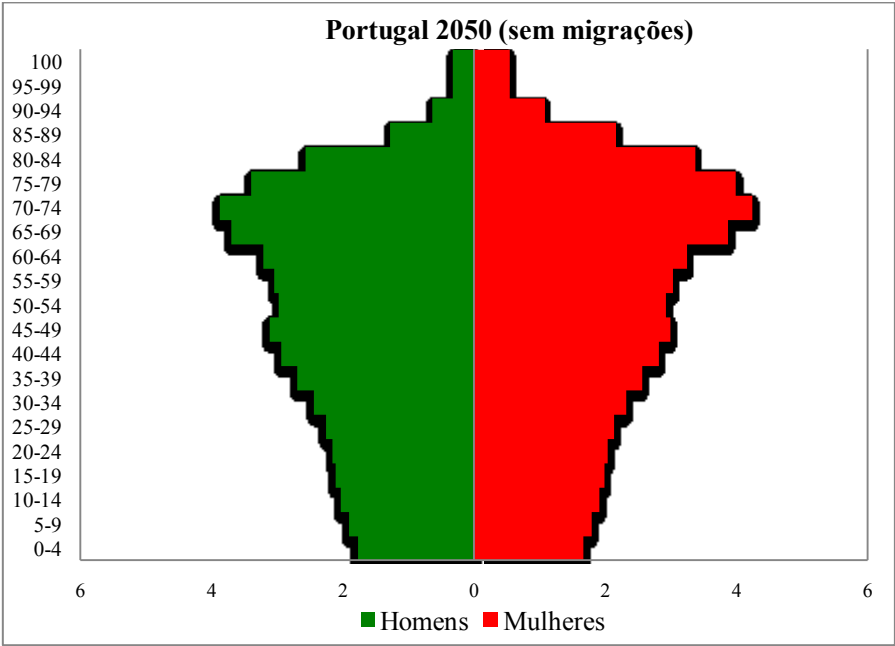
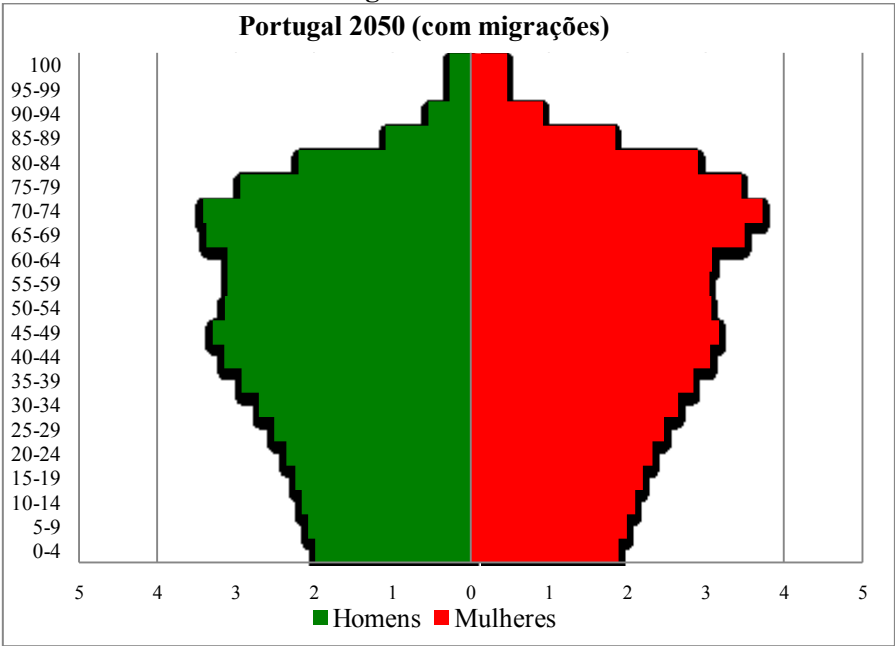
Fonte: Elaboração própria com dados do Eurostat (Population projection)

Os dados das figuras 5 e 6 revelam que o maior impacto da retirada da imigração é sobre a população em idade ativa. Quando temos em linha de conta as projeções da população com idades entre 15 e 64 anos, no cenário sem imigrações, em Espanha temos uma quebra de quase 30% e em Portugal de 21%. Embora no cenário com imigração a população com 65 anos e mais, em termos absolutos, seja maior que no cenário sem imigração, o mesmo não é verdade quando fazemos a análise em termos relativos, pois a proporção de pessoas com idades igual ou superior aos 65 anos torna-se substancialmente maior na ausência da imigração. Além disso, nem todos os imigrantes permanecem no país de acolhimento até atingirem idades mais avançadas. Como evidencia Norte et al. (2004, p.14), “a decisão para migrar não contempla, pelo menos numa fase inicial, um desejo de viver permanentemente no país de destino, mas sim o desejo de melhorar as condições de vida para os membros da família que ficaram para trás (efeitos microeconómicos) e, mais tarde, voltar ao seu país de origem em condições económicas melhores, com possíveis efeitos macroeconómicos.”

Além do mais, mesmo as naturalizações não representam recusa da nacionalidade anterior, o que abre dois caminhos possíveis para a população imigrante: permanecer no país de acolhimento se as circunstâncias são propícias ou, retornar ao seu país de origem assim que as conjunturas económicas destes lhes forem mais favoráveis.

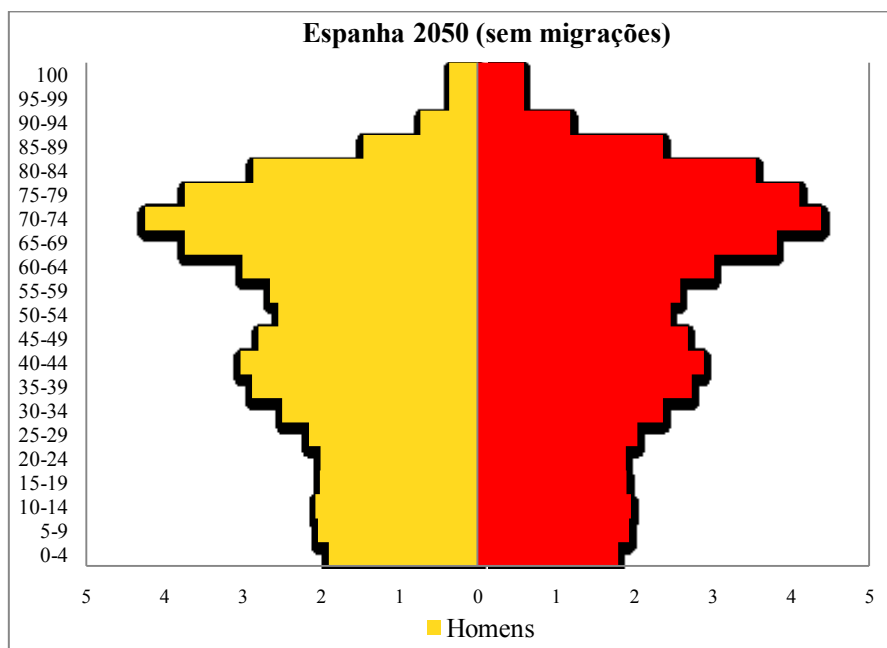
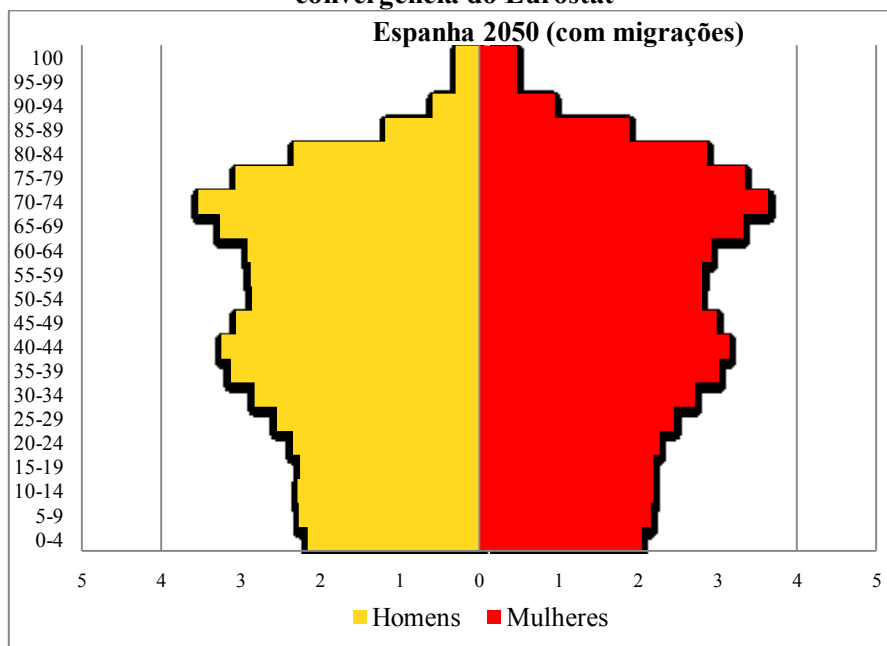
Embora o envelhecimento populacional seja inevitável devido à baixa fecundidade, e também porque os próprios imigrantes envelhecem, um contínuo saldo migratório positivo contribui para retardá-lo, configurando-se não como uma resposta satisfatória ao problema, já que o número de imigrantes teria de crescer a cifras praticamente inimagináveis como apontam Lutz e Scherbov (2002; 2003) e demonstram a United Nations (2000) - o que tornaria a sua integração difícil e poderia provocar sérias tensões políticas e sociais (Frejka & Sobotka, 2008) - mas como uma solução paliativa. Note-se que tanto em Portugal quanto em Espanha, as pirâmides que contemplam os cenários sem imigração têm o topo (nomeadamente a partir dos 60 anos de idade) mais alargados e bases mais estreitas, ainda que as diferenças não sejam demasiado expressivas. Já nos cenários que consideram a presença de fluxos migratórios, temos pirâmides de base um pouco mais alargadas em detrimento de topos menos dilatados, relativamente aos cenários sem imigração (Figuras 7, 8, 9 e 10).

Figuras 7 e 8 - Pirâmides Etárias de Portugal em 2050 com e sem migrações, segundo o cenário de convergência do Eurostatⁱⁱⁱ



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Eurostat

Figuras 9 e 10 - Pirâmide Etária de Espanha em 2050 com e sem migrações, segundo o cenário de convergência do Eurostat



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Eurostat

O resultado concreto do declínio da fecundidade por período e, em consequência do número de jovens, será uma diminuição cada vez mais intensa do número de pessoas que entrarão no mercado de trabalho futuro, contrastando com uma maior proporção daqueles que atingem idades em que devem se retirar deste, que com o aumento da longevidade devem usufruir por mais tempo do sistema de aposentação, o que indubitavelmente eleva os riscos destas sociedades atingirem severos desequilíbrios em seus sistemas produtivos e económicos, comprometendo ainda a sustentabilidade de seu sistema de bem-estar social, nomeadamente nas áreas da saúde, pensões e aposentação.

Todavia, se por um lado os efeitos do declínio da fecundidade e da mortalidade podem ter como consequência um agravamento do envelhecimento populacional, por outro lado a expectativa de que esse envelhecimento possa vir a ser “moderado” pela emigração, pode vir a não se concretizar devido ao aumento da pressão sobre a emigração e do atenuar dos fluxos imigratórios, manifestações resultantes da severa crise económica e financeira que os países Ibéricos enfrentam, principalmente Portugal.

Resta esperar que, pelo facto dos Portugueses e Espanhóis viverem mais anos, com mais saúde, as esperadas consequências originadas pelo rápido envelhecimento a que temos assistido nas últimas décadas, possam vir a ser atenuadas quer em termos sociais, quer económicos.

Atualmente, as pessoas idosas vivem por muito mais tempo e com uma vida mais ativa do que nunca, desafiando os pressupostos da medição convencional do envelhecimento populacional, que não tem em consideração o alongamento da esperança de vida (Sanderson & Scherbov, 2008). Assim, enquanto a visão convencional estabelece como limiar da velhice, a idade de 65 anos e mais, a visão prospectiva proposta por Sanderson e Scherbov (2008) adota como limiar da velhice a esperança de vida remanescente, ou seja, os anos que a pessoa ainda espera viver. A ideia de definir a velhice a partir de um limiar da esperança de vida remanescente foi primeiramente sugerida por Ryder (1975) que recomendou que fosse considerado como limiar da velhice, uma esperança de vida remanescente inferior a 10 anos. Na sequência, Jacob Siegel (1993), sugeriu a possibilidade de fixar este limite entre os 10 e 15 anos de esperança de vida remanescente (Sanderson & Scherbov, 2008, p.7).

A visão convencional, ao basear-se apenas na idade cronológica, induz-nos a pensar que pessoas de mesma idade, mas de gerações diferentes, se comportam de forma similar (Sanderson & Scherbov, 2007); e que, uma pessoa de 60 anos em 2000 era tão idosa quanto era uma pessoa de 60 anos em 1900, apesar de em 2000 viverem mais e serem saudáveis por muito mais tempo que seus homólogos de 1900 (Lutz, Sanderson & Scherbov, 2008). Assim, a visão convencional ignora a influência do alongamento da esperança de vida sobre os comportamentos e estratégias do curso de vida, ou seja, que pessoas com a mesma esperança de vida remanescente possam ter comportamentos mais parecidos do que aquelas de mesma idade cronológica (relativamente a épocas diferentes). Para Sanderson e Scherbov (2007) as pessoas podem ter duas idades diferentes: a “idade cronológica” que mede o número de anos já vividos e a “idade prospectiva” em que independente do número de anos já vividos, as pessoas podem ter a mesma quantidade de anos remanescentes.

A “conversão” da idade cronológica em “idade prospectiva” é feita a partir da utilização das tábuas de mortalidade, que indica, quantos anos uma pessoa ainda espera viver a partir de idades exatas. Por exemplo, se considerarmos a idade remanescente igual a 15 anos, uma mulher portuguesa de 71 anos de idade, em 2009, tinha a mesma esperança de vida remanescente de uma portuguesa com 67 anos, em 1982.

Quadro 1- Idade com uma esperança de vida remanescente igual a 15 anos
(usando 2009 como ano base)

Idade em 1963	Esperança de vida aos 65 anos em 1963	Idade em 2009	Esperança de vida na idade indicada em 2009
65 Anos	15,0 Anos	69 Anos	17,0 anos
		70 Anos	16,2 anos
		71 Anos	15,3 anos
		72 Anos	14,5 anos
		73 Anos	13,7 anos

Fonte: Elaboração própria com dados das Tábuas de Mortalidade, sexo feminino, (Human Mortality Database)

Quanto maior for o aumento da esperança de vida no tempo analisado, mais jovens prospectivamente parecerão os indivíduos. No quadro 2, o nosso período de análise é mais extenso (cerca de 7 décadas) e revela um aumento significativo da esperança de vida; uma mulher portuguesa de 65 anos de idade em 2009 tinha uma idade prospectiva de 54 anos (comparação com 1941), pois ambas tinham a mesma esperança de vida remanescente, que neste caso era de 20,39 anos.

Quadro 2 – Idade prospectiva de uma mulher portuguesa de 65 anos

(usando 2009 como ano base)

Idade em 1941	Esperança de vida aos 54 anos em 1941	Idade em 2009	Esperança de vida na idade indicada em 2009
54 Anos	20,39 Anos	63 Anos	22,13 anos
		64 Anos	21,26 anos
		65 Anos	20,39 anos
		66 Anos	19,53 anos
		67 Anos	18,67 anos

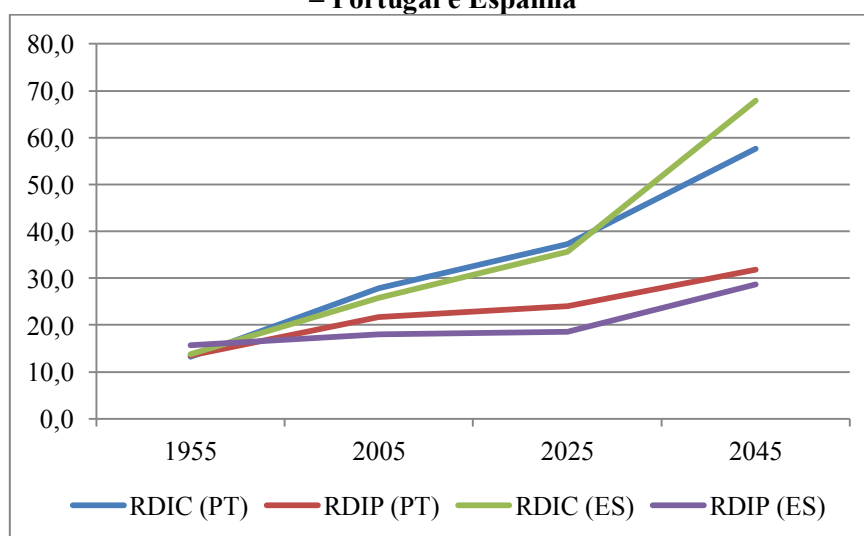
Fonte: Elaboração própria com dados das Tábuas de Mortalidade, sexo feminino, (Human Mortality Databe)

No caso de Espanha, uma mulher de 73 anos em 2009 tinha, em média, a mesma expectativa de vida remanescente (15,16 anos) do que uma outra em 1976 com 67 anos de idade. De acordo com a tábua de mortalidade feminina, em 2009, uma mulher espanhola com 65 anos de idade tinha, em média, uma esperança de vida de 22,05 anos, o que iguala a esperança de vida de uma mulher de 55 anos em 1956.

Relativamente ao sexo masculino também se registam diferenças significativas entre a idade cronológica, medida convencional do envelhecimento e a idade prospectiva. Aos 65 anos, a esperança de vida era, em média, 17,01 anos para os portugueses e 18,11 anos para os espanhóis, o que correspondiam à esperança de vida dos homens portugueses aos 59 anos em 1978 e, no caso dos espanhóis à esperança de vida registada em 1943 aos 55 anos.

Assim, se reconhecemos a profunda alteração registada em termos das condições gerais de saúde e qualidade de vida dos indivíduos à medida que a sua esperança de vida foi aumentando, por essa mesma razão, devemos passar a analisar e a planear o futuro com base em indicadores que tenham em conta aquelas diferenças. Se há décadas atrás, uma pessoa ao atingir a idade cronológica de 65 anos tinha uma esperança de vida remanescente pouco superior a 10 anos, atualmente ela pode esperar viver ainda quase 20 anos. Com este fundamento, Sanderson e Scherbov (2008) elaboraram novos indicadores de envelhecimento que entram em linha de conta com aquelas alterações. Disponibilizaram os seus resultados para todos os países do mundo, o que nos permite, com base nos seus cálculos, representar a evolução futura, prevista para ambos os países, até 2045 (Figura 11).

Figura 11 - Rácio de Dependência dos Idosos (Convencional e Prospectivo) em 1955, 2005, 2025 e 2045 – Portugal e Espanha



Fonte: Elaboração própria com dados do Population Reference Bureau, Warren Sanderson and Sergei Scherbov, "Rethinking Age and Aging" *Population Bulletin* 63, no.4 (2008).

Enquanto o Rácio de Dependência dos Idosos Convencional (RDIC) é medido pela relação entre indivíduos com 65 e mais anos e os indivíduos com idades entre 20 a 64 anos, o Rácio de Dependência dos Idosos

Prospectivo (RDIP), define como limiar da velhice a esperança de vida remanescente igual ou inferior a 15 anos; logo, mede a relação entre o número de pessoas com 15 anos e menos de esperança de vida remanescente e aqueles que tenham entre 20 anos de idade até o limite daqueles que tenham uma esperança de vida remanescente superior a 15 anos. Esta nova forma de mensurar o rácio de dependência dos idosos mostra como ele se torna substancialmente menor do que os valores apresentados pela fórmula convencional. O RDI Convencional, tanto em Portugal quanto em Espanha, é praticamente o dobro do percentual apresentado pelo RDI Prospectivo, o que nos permite dizer que o RDI Prospectivo minimiza a pressão sobre as gerações mais jovens, além de tornar mais viável a sustentabilidade do sistema de bem-estar social, não sendo todavia injusta para com os mais idosos, pois a idade da reforma pode mover-se tanto no sentido ascendente quanto descendente, dependendo do aumento ou da redução da esperança de vida, como assinalou Sanderson e Scherbov (2008).

Considerações Finais

A drástica redução da fecundidade e a sua permanência em patamares bem inferiores ao limiar de substituição das gerações, vem impondo aos países desenvolvidos, completas modificações em suas estruturas etárias, fazendo crescer a importância dos processos migratórios. Atualmente, o Sul Ibérico possui um diminuto crescimento populacional, extremamente dependente dos fluxos migratórios positivos. Como a imigração é um processo seletivo, ou seja, ocorre principalmente em idades jovens, os seus efeitos não se restringem apenas aos fluxos de entrada (aumento da população em idade ativa), mas também aos nascimentos havidos após a sua chegada aos países de acolhimento.

A interação entre o declínio do ISF - várias décadas inferior ao limiar de reposição das gerações – e o aumento da esperança de vida, vem impondo aos países ibéricos um acentuado processo de envelhecimento populacional, pois apresentam uma elevada proporção de pessoas com 65 anos e mais, sendo que a idade mediana das suas populações já é superior aos 40 anos. Embora o envelhecimento demográfico seja um processo inevitável e irreversível, os substanciais fluxos migratórios positivos experimentados por ambos os países ao longo principalmente das duas últimas décadas, têm contribuído para atenuá-lo, uma vez que quando se considera cenários sem imigração, a principal quebra populacional incide sobre os grupos etários em idade ativa – o que acarreta o agravamento dos índices de envelhecimento – além de condicionar a possibilidade e a intensidade do crescimento demográfico. Em Portugal, a inexistência de fluxos migratórios positivos acentua o processo de declínio demográfico, enquanto em Espanha, a presença da imigração possibilita crescimento populacional e sua ausência, tal como em Portugal, representa declínio demográfico.

Embora a imigração de substituição não possa ser considerada a solução ideal para o envelhecimento demográfico destes países devido ao elevado número de imigrantes que demandaria anualmente, tem contribuído contudo para mitigar os seus efeitos. No entanto, se emigrar representa a possibilidade de melhores perspectivas de vida e de emprego, os crescentes índices de desemprego (que atuam como freio à imigração e catalisador da emigração) nestes países, mormente em Espanha que tem recebido as maiores levadas de imigrantes, associado ao processo global de declínio da fecundidade – o que significa que os países “provedores” de imigrantes, como é o caso do Brasil, defrontar-se-ão num porvir breve, com a contração da sua população em idade ativa e ampliação da proporção de idosos – deixa importantes interrogações quanto a intensidade dos movimentos migratórios futuros em ambos os países.

Referências Bibliográficas

Almeida, André & Silva, Pedro Duarte (2007). *Impacto da Imigração em Portugal nas Contas do Estado*. Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo intercultural (ACIDI, I.P.)

Almeida, Ana Nunes; André, Isabel Margarida & Lalande, Piedade (2002). Novos Padrões e Outros Cenários para a Fecundidade em Portugal. *Análise Social*. Nº Especial «famílias», vol. XXXVII, nº 163, p. 371-409. Acedido em 21/06/2010. <http://analisesocial.ics.ul.pt>

- Abreu, Alexandre & Peixoto, João (2009). Demografia, mercado de trabalho e imigração de substituição: tendências, políticas e prospectiva no caso português. *Análise Social*, vol. XLIV (193), 2009, 719-746. Acedido em 27/04/2011. <http://www.scielo.oces.mctes.pt>
- Billari, Francesco & Kohler, Hans-Peter (2003). Patterns of Lowest-low Fertility in Europe. <http://paa2004.princeton.edu>
- Bongaarts, John (2009). Human population growth and the demographic transition. *Philosophical Transactions of the Royal Society*, 364, pp. 2985–2990. <http://rstb.royalsocietypublishing.org>
- Carrilho, Maria José (2005). Metodologias de cálculo das projecções demográficas: aplicação em Portugal. *Revista de Estudos Demográficos*, nº 37, p.5-24. <http://censos.ine.pt>
- Chávez, Franz (2010). Bolívia: Womens's Remittances Come at High Cost. IN: International Organization for Migration -*Gender and Migration News*. Vol. 35, July 2010. <http://publications.iom.int>
- Chiswick, Barry R. & Hatton, Timothy J. (2002). International Migration and the Integration of Labor Markets. *IZA Discussion Papers* 559, Institute for the Study of Labor (IZA). <ftp://repec.iza.org>
- Coleman, David (2010). Recent Immigration Patterns and their Implications for Policy: An overview of recent migration to Europe. Workshop on Population, Economics, Integration and law: Implications for Immigration Policy. Acedido em 7/3/2011. <http://migration.ucdavis.edu/rs>
- Coleman, David (2006). Immigration and ethnic change in low-fertility countries: A third demographic transition. *Population and Development Review* 32(3): 401–446. Acedido em 05/03/2011. <http://www.spsw.ox.ac.uk>
- Coleman, David & Scherbov, Sergei (2005). Immigration and ethnic change in low-fertility countries: towards a new demographic transition? Paper presented to Population Association of America Annual Meeting, Philadelphia March 31 – April 2 2005, Session 98, 1 April. Acedido em 05/03/2011. <http://www.spsw.ox.ac.uk>
- Espey, J., Harper, C. & Jones, N. (2011). Crisis, care and childhood: the impact of economic crisis on care work in poor households in the developing world in: *Gender and economic crisis*. Published by Practical Action in association with Oxfam GB. <http://publications.oxfam.org.uk>
- Frejka, Tomas & Sobotka, Tomáš (2008). Overview Chapter 1: Fertility in Europe: Diverse, delayed and below replacement. *Demographic Research*, 19(1), 15-46.
- Giddens, Anthony (1993). *A transformação da intimidade: amor & erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: editor da Universidade Estadual Paulista (Unesp).
- Ghosh, Bimal (2010) The global economic crisis and migration: where do we go from here? Geneva: IOM-International Organization for Migration. Acedido em 27/04/2011. <http://publications.iom.int>
- Guerreiro, Maria das Dores & Abrantes, Pedro (2007). *Transições incertas. Os jovens perante o trabalho e a Família*. 2ª Ed. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e Emprego (CITE). <http://www.cite.gov.pt>
- Horn, Zoe Elena (2011). The effects of the global crisis in women in informal economy: research findings from WIEGO and the Inclusive Cities partners. In: *Gender and the Economic Crisis*. Published by Practical Action in association with Oxfam GB. <http://publications.oxfam.org.uk>
- Lutz, Wolfgang, Sanderson, Warren. & Scherbov, Sergei (2008). The coming acceleration of global population aging. *Nature*, Vol. 451, 716–719. Acedido em 24/02/2011. http://dahuang.dhxy.info/population/Global_Ageing08.pdf
- Lutz, Wolfgang & Scherbov, Sergei (2003). Future Demographic change in Europe: The Contribution of Migration. Interim Report IR-02-052, Laxenburg, International Institute for Applied Systems Analysis. Acedido em 21/04/2011. www.iiasa.ac.at

Lutz, Wolfgang & Scherbov, Sergei (2002). Can immigration compensate for Europe's low fertility?. Interim Report IR-03-066, Laxenburg, International Institute for Applied Systems Analysis. Acedido em 21/04/2011 . www.iiasa.ac.at

Martin, Philip & Zucher, Gottfried. (2008). Managing migration: the global Challenge. *Population Bulletin* 63, N. 1. Acedido em 24/05/2011. <http://www.prb.org>

Munier, Asif (2010). Bangladesh: Examining the Impact of the Global Economic Crisis on Female Migrants IN: IOM -*Gender and Migration News*. Vol. 35, July 2010. <http://publications.iom.int>

Norte, Cláudia, Mortágua, Maria João, Rosa, Maria João Valente, Silva, Pedro Duarte, Sabtos, Vanda e Almeida, André Corrêa (coord.) (2004). *O Impacto da Imigração nas Sociedades da Europa: o caso Português*. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras do Ministério da Administração Interna. Outubro de 2004. <http://www.sef.pt>

Ryder, N. (1975). Notes on Stationary Populations. *Population Index* 41(1):3-28.

Sanderson, Warren and Scherbov, Sergei (2007). A new perspective on population aging. *Demographic Research*, 16 (2), pp. 27-58. <http://www.demographic-research.org>

Sanderson, Warren and Scherbov, Sergei (2008). Rethinking Age and Aging. *Population Bulletin* 63, nº4. Acedido em 30/09/2011. <http://www.prb.org>

Sobotka, Tomáš (2009). Migration continent Europe. *Vienna Yearbook of Population Research* 2009, 217-233. Acedido em 10/05/2011. <http://epub.oew.ac.at>

Söderling, Ismo (2010). Factors affecting population size in Finland – the role of immigration and population policies. Paper presented at the IX Finn Forum Conference, Thunder Bay, Canada. Acedido em 21/04/2011. <http://www.migrationinstitute.fi>

United Nations (2000). Replacement Migration: Is It a Solution to Declining and Ageing Populations? New York, United Nations, Population Division, ESA/P/WP.160. <http://www.un.org>

Wildasin, David E. (2008). Public Finance in an Era of Global Demographic Change: Fertility Busts, Migration Booms, and Public Policy. Institute for Federalism & Intergovernmental Relations, Working Paper No. 2008-02. <http://www.ifigr.org>

Sites

<http://epp.eurostat.ec.europa.eu/>

<http://sefstat.sef.pt/>

<http://www.ine.pt/>

<http://www.ine.es/>

<http://www.mortality.org/>

<http://www.prb.org/>

<http://www.un.org/esa/population/>

ⁱÍndice Sintético de Fecundidade (ISF) – número médio de filhos que cada mulher deixa na população durante todo o seu período fértil, se se mantiverem as mesmas taxas de fecundidade por idades observadas no período em análise.

ⁱⁱConsidera-se como valor limite 2,1 nos países com níveis de mortalidade baixos e 2,4 ou 2,6 onde a mortalidade, em particular a infantil, é elevada.

ⁱⁱⁱO cenário de convergência elaborado pelo Eurostat parte de um conjunto de hipóteses que prevê, respetivamente para Portugal e Espanha, em 2050, uma esperança de vida dos homens igual a 82,9 e 84,2 anos, a das mulheres atingirá os 87,5 e 89 anos, a fecundidade apresentarão valor de 1,47 e 1,53 filhos por mulher e que a migração líquida anual terá um valor médio positivo de aproximadamente 30000 e 200 000 imigrantes.